

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
Gestalt-terapia e Análise Existencial

GABRIELA SANTIAGO PEREIRA

ESPIRITUALIDADE, RELIGIOSIDADE E RELIGIÃO NA CLÍNICA GESTÁLTICA

BELO HORIZONTE
2020

GABRIELA SANTIAGO PEREIRA

ESPIRITUALIDADE, RELIGIOSIDADE E RELIGIÃO NA CLÍNICA GESTÁLTICA

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial, como requisito básico para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Professora Cláudia Lins Cardoso

BELO HORIZONTE
2020

150	Pereira, Gabriela Santiago.
P436e	Espiritualidade, religiosidade e religião na clínica gestáltica. [recurso eletrônico] / Gabriela Santiago Pereira. -
2020	2020.
	1 recurso online (38 f.) : pdf
	Orientadora: Cláudia Lins Cardoso.
	Monografia apresentada ao curso de Especialização em Pós-graduação em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1.Espiritualidade. 2.Religiosidade. 3. Religião.
	4. Psicologia clínica I. Cardoso, Cláudia Lins.
	II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III .Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação
ESPIRITUALIDADE, RELIGIOSIDADE E RELIGIÃO NA CLÍNICA GESTALTICA.
GABRIELA SANTIAGO PEREIRA

monografia defendida e aprovada, no dia vinte e oito de outubro de 2020, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Claudia Lins Cardoso - Orientadora
FAFICH/UFMG

Maria Madalena Magnabosco
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 13 de abril de 2023.
Profª. Drª. Claudia Lins Cardoso
Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 13/04/2023, às 15:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 13/04/2023, às 15:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2226229** e o código CRC **492E91C4**.

RESUMO

A religião, a religiosidade e a espiritualidade são pouco abordadas e discutidas no meio acadêmico, especialmente no âmbito da Psicologia. A compreensão mais ampla sobre esses assuntos permite um melhor entendimento sobre a existência do indivíduo, uma vez que elas são constitutivas do ser humano. Na Gestalt-Terapia, a relação terapêutica é considerada central no processo psicoterápico, sendo através desta que surge a possibilidade do cliente se relacionar verdadeiramente com o outro por meio de um diálogo profundo, possibilitando, assim, que ele amplie a consciência de sua existência e se torne inteiro. Com isso, abre-se espaço para a pessoa adentrar na dimensão da espiritualidade, permitindo-lhe contemplar a sua existência e, então, integrar-se ao sagrado. O processo terapêutico gestáltico e a busca da espiritualidade se encontram na ideia de reconhecer o sentido dos impasses que fecham, preenchem e interrompem os movimentos de abertura do ser. Diante disso, o processo terapêutico pode ser um dos meios que facilitam para a pessoa seu processo de reconhecimento de si em todas as suas dimensões, inclusive a espiritual.

Palavras-chave: Gestalt-Terapia, Espiritualidade, religiosidade, religião, clínica.

ABSTRACT

Religion, religiosity and spirituality are rarely addressed and discussed in academia, especially in psychology. The broader understanding of these issues allows for a better understanding of the individual's existence, since they are constitutive of the human being. In Gestalt-Therapy, the therapeutic relationship is considered central to the psychotherapeutic process, through which the possibility arises for the client to truly relate to the other through a deep dialogue, thus enabling him to expand the awareness of his existence and become whole. This opens up space for people to enter the dimension of spirituality, allowing them to contemplate their existence and then integrate with the sacred. The therapeutic gestalt process and the search for spirituality are found in the idea of recognizing the meaning of the impasses that close, fill and interrupt the opening movements of being. Given this, the therapeutic process can be one of the means that facilitate the person in his process of recognition of himself in all its dimensions, including the spiritual.

Keywords: Gestalt-Therapy, Spirituality, religiosity, religion, clinic.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 A GESTALT-TERAPIA	8
2.1 Histórico e Pressupostos Filosóficos	8
2.1.1 Humanismo	8
2.1.2 Existencialismo	9
2.1.3 Fenomenologia	10
2.2 Fundamentação Teórica	12
2.2.1 Psicologia da Gestalt	12
2.2.2 Teoria de Campo	13
2.2.3 Teoria Organísmica	14
2.2.4 Influências Orientais	15
3 O CONTATO COM A TRANSCENDÊNCIA, A ESPIRITUALIDADE, A RELIGIOSIDADE E A RELIGIÃO	17
3.1 Referências espirituais na atualidade	22
4 RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE NA CLÍNICA	26
4.1 A espiritualidade e o processo psicoterapêutico	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

O interesse sobre espiritualidade, religiosidade e religião sempre esteve presente em diferentes épocas e culturas. Contudo, no momento atual, percebe-se um afastamento e uma desvalorização desses temas. No Brasil, a formação em Psicologia pouco privilegia esta temática. Como consequência desta não valorização, vemos uma colocação rígida e sem reflexão crítica sobre o assunto. No entanto, na clínica, nos deparamos com esses aspectos da vida, uma vez que elas são constitutivas do ser humano. E ignorar o seu surgimento é perder um aspecto importante da história e da formação da pessoa do cliente.

A Gestalt-Terapia é uma abordagem da psicologia que tem como objetivo estimular o processo de crescimento e desenvolvimento do potencial humano focando na inter-relação entre organismo e meio. A clínica gestáltica busca o verdadeiro sentido das coisas, a ampliação da consciência sobre si e sobre o mundo. O autoconhecimento possibilita ao ser humano um encontro profundo consigo mesmo, abrindo portas para compreensões sobre suas próprias atitudes, sentimentos, modos de pensar, de reagir, possibilitando maior compreensão de si (CARDELLA, 2020).

A espiritualidade se apresenta na busca por valores profundos que governam o ser humano e está relacionada ao modo como o sujeito se encontra com o mundo e consigo mesmo. É uma dimensão constitutiva da pessoa, ou seja, é pertencente a todo homem. A religiosidade se apresenta como um movimento de construção do sentido a partir de uma concepção do Divino. Se dá através de uma experiência individualizada de relação com um Ser transcendente e busca o sentido último da existência. Tanto a espiritualidade quanto a religiosidade vão em busca da afirmação do sentido, no entanto, a sua forma de construção é o que as distingue. A religião, por sua vez, é um sistema de compreensão sobre o Divino compartilhado, transmissível e institucionalizado. É considerada um sistema de orientação e pode não ter uma relação direta com a espiritualidade (GIOVANETTI, 2005; PINTO, 2009).

Esses temas têm sido pouco vivenciados na sociedade atual, a qual é chamada de pós-modernidade. Acredita-se que a religião, religiosidade e a espiritualidade não têm espaço para a manifestação na vida contemporânea. O consumo e a busca pelo status se tornou a figura na vida das pessoas, e, junto a isso, as relações inter-humanas têm sido pouco valorizadas. Essas mudanças no modo de enxergar o outro

e de se relacionar têm repercutido na saúde mental, gerando sofrimentos de diversas naturezas. A vida articulada na superficialidade tem levado as pessoas a se afastarem da dimensão espiritual, se perdendo cada vez mais do sentido maior de suas vidas e de si mesmo (GIOVANETTI, 1999; CARDOSO 2019).

Neste contexto, segundo Cardella (2020) o processo terapêutico gestáltico e a busca da espiritualidade possuem a mesma finalidade: conduzir a pessoa humana a uma relação Eu-Tu consigo mesmo e com o mundo. Na clínica da Gestalt-Terapia a relação terapêutica é considerada central, ela possibilita o surgimento do diálogo, e é através dele que se tem a possibilidade de se relacionar verdadeiramente com o outro. Mediante o diálogo profundo, a pessoa pode ampliar a sua existência e tornar-se inteira. A partir disso, abre-se o caminho para adentrar na dimensão da transcendência e da espiritualidade. Para a autora esse encontro permite ao ser humano reverenciar a existência e, então, integrar-se ao sagrado, o que leva a uma transformação profunda no ser, integrando-se consigo mesmo e com o mundo (CARDELLA, 2020).

Para a produção deste trabalho foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a espiritualidade na clínica a partir de autores fenomenólogos, existenciais e gestaltistas. No primeiro capítulo abordaremos a Gestalt-Terapia, apresentando seus Pressupostos Filosóficos (Humanismo, Existencialismo e Fenomenologia) e a Fundamentação Teórica (Psicologia da Gestalt, Teoria de Campo, Teoria Organísmica e influências orientais). No segundo capítulo, são apresentados conceitos referentes ao contato com a transcendência, à espiritualidade, à religião e à religiosidade, vinculando-os à visão de mundo e de pessoa proposta pela Gestalt-Terapia. No terceiro capítulo, é exposto como a religião, a religiosidade e a espiritualidade se apresentam na clínica e de que maneira o processo terapêutico pode facilitar o contato da pessoa com a sua própria espiritualidade. Por fim, nas considerações finais do trabalho são feitas a união e fechamento das ideias apresentadas ao longo do trabalho.

2 A GESTALT-TERAPIA

2.1 Histórico e Pressupostos Filosóficos

A Gestalt-terapia surge como abordagem terapêutica em meados do século passado, em 1951, a partir da publicação do livro “Gestalt-therapy: Excitement and growth in the human personality”, escrito por Frederick Perls, juntamente com Paul Goodman e Ralph Hefferline. Assim, foi principalmente na década de 60, com o surgimento dos movimentos de contracultura que a abordagem começou a se expandir, principalmente nos EUA, considerado um terreno favorável para o desenvolvimento daquelas ideias, na época consideradas inovadoras e revolucionárias dentro do cenário psicoterápico.

O movimento de contracultura pregava o anti-intelectualismo, antipositivismo, antirracionalismo, antimecanicismo e o antideterminismo. Esse movimento trouxe importantes discussões sobre a visão holística e existencial na clínica, valorizando os níveis relacionais e emocionais (FREITAS, 2016). Nesse contexto, Cardoso (2013) informa que a Gestalt-Terapia surge como uma das abordagens da Psicologia Humanista e traz consigo pressupostos também do Existencialismo e da Fenomenologia, os quais ofereceram consideráveis contribuições na fundamentação antropológica (visão de homem), o que define sua prática e sua teoria.

2.1.1 Humanismo

Segundo informa Giovanetti (1994), o movimento humanista, que surgiu na sociedade americana, foi responsável pelo aparecimento da Psicologia Humanista e se apresentou como a “terceira força da psicologia”. De acordo com o autor, o novo movimento visava humanizar a atividade psicológica e questionar as teses predominantes da época: o behaviorismo e a psicanálise, chamadas de primeira e de segunda força, respectivamente. Entretanto, conforme Mendonça (2013), os estudiosos da “terceira força” criticavam estas correntes por considerarem que ambas se concentravam apenas em partes do ser humano e deixavam de lado a complexidade da pessoa pelo foco nas partes: a psicanálise de Freud tinha como

preocupação central o estudo do inconsciente e a Psicologia behaviorista tinha como objeto de estudo o comportamento.

No entanto, Ribeiro (2011) sustenta que, segundo a teoria humanista, o homem é o senhor de si mesmo e enfatiza a singularidade do ser humano e da importância do respeito ao outro enquanto indivíduo. Ainda de acordo com Ribeiro (2011), o reconhecimento da sua totalidade também é posto em discussão: o indivíduo é formado por corpo e alma, sendo uma totalidade que pertence ao universo. Nesse sentido, o Humanismo lida com o que existe de positivo em cada um, acreditando na capacidade do indivíduo em se autogerir e se autorregular.

Freitas (2016) afirma que essa ideia ficou chamada de autorregulação orgânica, entendida como uma força que direciona o sujeito o tempo inteiro em direção à maturidade e independência. No entanto, essa vertente não nega o trágico da vida, mas privilegia o que tem de positivo no indivíduo, ressaltando o potencial criativo e transformador de cada um. No entendimento de Pinto (2009), a visão humanista destaca, ainda, a capacidade de se aperfeiçoar, levando em consideração a ideia de homem inacabado e imperfeito.

2.1.2 Existencialismo

De acordo com Giovanetti (1994), assim como o Humanismo, o Existencialismo traz o homem como o centro das suas discussões, sendo este pensamento entendido como uma doutrina filosófica humana e que surge em oposição a toda filosofia clássica, considerada como o estudo das essências e que se baseiam na compreensão das dimensões estáveis. Ainda, conforme Giovanetti (1994), nesse entendimento, a pergunta não é “o que é o homem?”, mas “quem é o homem?”, e esta doutrina valoriza a subjetividade, a singularidade, a responsabilidade e a vivência, e tem como foco principal a existência humana.

Entretanto, na concepção existencial, o homem é compreendido como um ser livre e responsável por construir sua própria existência, e ele não é visto como algo acabado, fechado e estável, com características imutáveis. Ao contrário, ele é concebido no mundo como um ser particular, sem a possibilidade de definição prévia, compreendido como um ser livre para fazer as próprias escolhas. Segundo Cardoso

(2013), somos seres de possibilidades e estamos fazendo escolhas a todo instante, construindo, desta forma, a cada dia, o nosso modo de ser no mundo.

Diante desse entendimento, pode-se entender que o indivíduo não é considerado como uma coisa pensante, fechada em si e isolada, mas está aberto para o mundo. E, dessa forma, como o mundo é uma constante transformação, o homem não está conectado a nada em definitivo, mas está a todo momento em constante mudança em um mundo de infinitas possibilidades. Jean Paul Sartre (apud FREITAS, 2016, p. 91), filósofo existencial que influenciou a Gestalt-Terapia, diz que “o homem escolhe o que projeta ser, usando de sua liberdade, ou seja, o homem é um ser se fazendo” e, com essa ideia, Cardoso (2019) afirma que

A Gestalt-terapia, em sua fundamentação antropológica, compreende o homem como um ser de possibilidades, dotado de liberdade para escolher sua essência a cada instante, consumando, assim, seu projeto de vida e de ser-no-mundo. Coerente com sua raiz existencial, o ser humano é concebido como abertura para o outro, e só se constitui como pessoa enquanto está em conexão com o mundo, dando-lhe um sentido. Em suma, ele é inexoravelmente, um ser-em-relação. (CARDOSO, 2019, p.76)

Dessa forma, Perls e os demais fundadores da Gestalt-Terapia denunciaram a desconexão do humano e criaram uma abordagem que buscava reestruturar seus fundamentos, dentre os quais a criatividade, a liberdade, a responsabilidade, a interdependência e a transcendência. Portanto, o homem é considerado um ser de passagem, ainda que consciente da sua finitude, aspira e concebe o infinito, questionando a sua existência, sua origem e, também, o seu fim, sendo assim, um ser aberto (CARDELLA, 2015).

2.1.3 Fenomenologia

Segundo Freitas (2016), juntamente com o Humanismo e o Existencialismo, a Fenomenologia é também uma importante referência na fundamentação antropológica da Gestalt-Terapia. A autora afirma que a Fenomenologia se apresenta como um movimento filosófico vinculado a Edmund Husserl, originado no início do século XX, tendo influências das teorias de Franz Brentano e Ernest Mach e surge como crítica ao modelo de ciência vigente, predominantemente positivista, a fim de propor uma nova concepção metodológica.

Nesse sentido, segundo Filho/Gomes (2012) pode-se inferir que a Fenomenologia traz um outro olhar sobre a relação do sujeito com o mundo, isto é, um novo entendimento sobre a relação entre o interior e o exterior, entre a consciência e a natureza. Para os autores, as teorias científicas da época, predominantemente positivistas, consideravam que o cientista/sujeito e o objeto a ser estudado se encontravam separados e independentes um do outro, propondo, com isso, uma visão dicotômica entre o sujeito e objeto, homem e mundo. Desse modo, o conhecimento estava centrado no ser, era visto como algo exterior ao homem, e cabia a ele apenas o reconhecimento e não a construção do saber. Cardoso (1999) afirma que o novo movimento concebe o abandono do psicologismo, no qual pregava que o conhecimento sobre o homem devia partir das suas estruturas internas, assim como, entra em oposição às linhas filosóficas que reduziam a concepção da realidade à percepção advinda dos sentidos físicos.

A atitude terapêutica adotada na Gestalt-Terapia é fundamentada na Fenomenologia, cujo método consiste na descrição do fenômeno. Em sua etimologia, este termo vem do grego *phainestai*, compreendido como "aparecer" ou "aquilo que se mostra por si mesmo". Nessa perspectiva, pode ser encarado como fenômeno tudo aquilo de que se pode ter consciência. É através do fenômeno que se dá o conhecimento, concebido no encontro entre o mundo e a consciência. Segundo Freitas (2016), todo fenômeno gera informação e, com isso, o encontro entre a consciência e o objeto é a matriz do conhecimento, ou seja, a Fenomenologia enfatiza o encontro, propondo que o sentido é gerado a partir do encontro entre o sujeito e o fenômeno.

A Fenomenologia frisa a relação entre o ato humano e a intencionalidade da consciência e essa consciência é ativa e a todo momento está dando um sentido a tudo que vai de encontro ao homem. Nesse entendimento, Cardoso (1999) sustenta que:

Ela sempre visa algo e, com isso, nenhum ato humano ocorre no vazio. A noção de intencionalidade proposta pela fenomenologia de Husserl aponta para o reconhecimento de que o homem não existe por si só, isolado no mundo que o cerca. Ao contrário, este mundo é sempre dotado de uma significação para ele e o ponto de partida para a compreensão do sentido deve ser o próprio homem (CARDOSO, 1999, p. 7).

Dessa maneira, o sentido dado às experiências é compreendido em função da relação que se estabelece no encontro, e não nos referenciais externos. Assim, conforme aponta Cardoso (1999), a Gestalt-Terapia, fundamentada em seu pilar fenomenológico, elimina a compreensão advinda da experiência imediata apoiada em parâmetros externos e nas ideias pré-concebidas sobre a realidade e esta atitude é nomeada como redução fenomenológica ou epoquê, que significa suspensão.

2.2 Fundamentação Teórica

A Gestalt-Terapia integra algumas correntes teóricas como base do seu referencial do existir humano, propondo concepções específicas de saúde e doença. Dentre elas, destacam-se: a Psicologia da Gestalt, A Teoria de Campo de Kurt Lewin e a Teoria Organísmica de Kurt Goldstein. Também bebeu da fonte das religiões orientais, destacando-se, principalmente, o Taoísmo e o Zenbudismo (BERVIQUE, 2013; CARDOSO, 1999).

2.2.1 Psicologia da Gestalt

Segundo Cardoso (1999) a Psicologia da Gestalt é uma teoria oriunda dos estudos de Max Wertheimer, Wolfgang Kohler e Kurt Kofka sobre a percepção, a aprendizagem e a solução de problemas. Ao estudar a percepção, esses estudiosos descobriram que a percepção humana parte de um processo ativo e estruturado segundo alguns princípios, e não de uma recepção passiva e desorganizada decorrente da estimulação do meio. A autora pontua que ao incluir a Psicologia da Gestalt em sua abordagem, Perls faz um paralelo das leis da percepção sensorial com o entendimento sobre o modo como o ser humano percebe e dá sentido as experiências existenciais.

Dessa forma, Polster/Polster (2001) afirmam que dentre outros conceitos, a Psicologia da Gestalt busca compreender como ocorre a percepção, descrevendo-a a partir da relação figura e fundo: os indivíduos organizam as percepções do fluxo sensorial que os atingem, numa experiência primária de uma figura vista ou percebida contra um contexto ou fundo. Os autores complementam dizendo que a figura, independentemente de ser simplesmente perceptual ou de possuir uma ordem mais

complexa, emerge do fundo, atribuindo-se uma posição que traz a atenção e realça suas características, assim ela emerge ricamente detalhada e é convocada ao exame e à concentração.

Outra característica da percepção é a sua tendência ao fechamento. Frequentemente, uma figura é vista como uma imagem delimitada ou completa. O indivíduo tende a compensar visualmente as falhas ou vazios de um círculo fragmentado, por exemplo. Assim se dá também nas experiências pessoais. O ser humano busca a inteireza das unidades das experiências e quando o fechamento das mesmas é impedido, interrompe a pessoa nos processos de fazer o que deseja, essas ações incompletas ficam no fundo, como uma situação inacabada (POLSTER; POLSTER, 2001).

A Psicologia da Gestalt também propõe uma visão holística (unificada) da experiência, atestando que o todo é diferente da soma de suas partes, uma vez que ele é determinado pelas interações e interdependências de todas as suas partes compostas. Ou seja, a observação das partes nunca proporcionará a compreensão do todo, visto que elas não mantêm sua identidade quando estão separadas de sua função no todo. Partindo dessa ideia, a Gestalt-Terapia compreende o homem como um ser uno, total, em que não pode ser compreendido senão na totalidade de seu ser, entrelaçando seus níveis de funcionamento; seja eles a nível racional, emocional e físico (CARDOSO, 1999).

2.2.2 Teoria de Campo

A Teoria de Campo, proposta por Kurt Lewin, parte da visão holística do mundo e, nesse entendimento, percebe-se que todos os eventos, objetos, experiências, organismos e sistemas são partes de uma totalidade que se relacionam e se influenciam entre si, e, que, em conjunto, compõem um universo de interação contínua. A essa compreensão, Freitas (2016) complementa dizendo:

...tudo o que existe e que acontece no mundo pertence a um campo de inter-relações de maneira que nenhum fenômeno deve ser identificado e entendido de maneira isolada, visto que é apenas uma parte de um todo unificado e contínuo, isto é, que se compõe e se modifica a todo o momento no tempo e no espaço, importando o campo como é experienciado por uma pessoa naquele momento (FREITAS, 2016, p. 93).

A partir dessa ideia, o homem é compreendido como uma totalidade integrada dentro de um campo que está sempre interrelacionado com o mundo, e nunca separado dele. Cardoso (1999) sustenta que

“a Gestalt-Terapia, ao assumir esta noção de campo proposta por Lewin, concebe o homem como um campo total, cujo comportamento só pode ser entendido a partir da realidade interna da pessoa, em função das forças que estão interagindo naquele momento” (CARDOSO, 1999, p.11).

Ou seja, a abordagem lida com a experiência na medida em que ela é vivenciada no momento presente e, desse modo, o comportamento é resultado da interação de forças presentes no campo total do indivíduo.

2.2.3 Teoria Organísmica

A Teoria Organísmica, idealizada por Kurt Goldstein, é considerada uma importante teoria de base da Gestalt-Terapia e tem suas origens vinculadas ao movimento da Psicologia da Gestalt. Assim, Kurt Goldstein buscava um modelo holístico que o ajudasse a compreender as mudanças de personalidade apresentadas por seus pacientes que sofreram lesões cerebrais permanentes e, com base nisso, ele estruturou uma teoria que procurava explicar o processo de funcionamento adaptativo do ser humano de modo abrangente.

A Teoria Organísmica, antes chamada de Organísmica Holística, é baseada no livro *Holismo e Evolução* (1926), do filósofo Jean Smuts. Na referida obra, este autor sustentava a tendência integradora do Universo, afirmando que, na biosfera, a separação entre o organismo e o meio é uma abstração, só sendo possível pensá-la como um campo unificado, composta de vida e feita dessas relações. A separação entre eles seria, então, uma abstração, pois não existe um organismo fora de um meio (RIBEIRO, 2009).

Partindo do pensamento sistêmico, o organismo é compreendido como um sistema que, ao mesmo tempo, é uma unidade. Dessa forma, qualquer mudança ou estímulo que chegue a ele, inevitavelmente, acarretará mudanças na unidade total e, nesse sentido, todas as mudanças ocorridas sempre terão como objetivo o equilíbrio do sistema. Diante disso, percebe-se que o organismo se baseia em dois extintos: autoatualização ou autorregulação, pois a todo o momento, ele busca nas suas

relações as condições mais propícias e ideais para fazer a troca com o meio (RIBEIRO, 2009).

Nesse sentido, em todos os organismos o que vai caracterizar a vida será a troca constante entre meio e o organismo, que vai absorver o que for nutritivo e eliminar ou desprezar as substâncias tóxicas. Ribeiro (2009) informa que a autoatualização ou autorregulação é a tentativa organísmica de se aprimorar cada vez mais na relação com o meio.

No modelo organísmico de Goldstein, quando um organismo está em falta de algum nutriente ou está com alguma necessidade de descarregar algo no meio, é gerado um desequilíbrio no sistema que, por sua vez, produz uma tensão, ou seja, a energia utilizada pelo organismo para agir no ambiente. A consequência dessa tensão é a necessidade emergente, a qual será identificada por ele, buscando a ação pertinente para a satisfação da necessidade. Segundo Ribeiro (2009), se esta for adequada, ela vai acabar com essa tensão e o organismo volta para o equilíbrio e Cardoso (1999) sustenta que

“coerente com as preposições da Teoria Organísmica de Goldstein, a Gestalt-Terapia também compreende o homem como um ser de necessidades, numa incessante busca de equilíbrio e em constante interação com o meio no qual está inserido” (CARDOSO, 1999, p.13).

2.2.4 Influências Orientais

Na busca de elementos que levassem a uma melhor compreensão do mundo e de si, Perls foi ao encontro das religiões orientais. Ao fazer um estudo sobre a influência dessas duas filosofias na Gestalt-Terapia, Bervique (2013) afirma que essas fontes o conduziram a um novo modo de estar na realidade e nela reagir. Veras (2013) ressalta que o budismo tem como aspectos centrais questões sobre a condição humana, sobre nascimento, crescimento, liberdade, responsabilidade, criatividade, trazendo a ideia de impermanência do mundo e do ser humano. Ele sustenta:

“Para a Gestalt-terapia, a noção de liberdade está muito próxima à da perspectiva budista. O homem não escolhe o local de seu nascimento, mas, uma vez lançado ao mundo, cabe a ele construir o próprio projeto existencial dentro das limitações do meio em que está inserido. O homem sempre terá liberdade de escolha e de ação dentro desse campo, liberdade compreendida como a capacidade de criação dentro do possível.” (VERAS, 2013, p. 174-175)

Veras (2013) traz como ponto de similaridade entre eles a meditação e a *awareness*, tendo ambas o foco no aqui e agora e, para o autor, o *awareness* é estar consciente, é ter percepção de algo que acontece consigo e com o ambiente à sua volta, é estar presente no aqui e agora por meio da concentração e do acompanhamento do momento vivido. É a descoberta de algo que sempre esteve presente, mas não plenamente consciente.

Ribeiro (2009) aborda a meditação como um instrumento para ajudar ou facilitar o cliente a entrar em contato consigo mesmo. Ele afirma que a reflexão profunda, a concentração e a contemplação são frutos da meditação, que pode conduzir a pessoa a esses modos, no qual o Eu vai de encontro profundo com o sentido maior da existência. Este autor afirma, ainda, que a meditação está intimamente relacionada com a ideia de contato, de campo, e, sobretudo, com a relação entre a pessoa e o mundo. Dessa forma, a meditação pode ser entendida como uma convocação para a totalidade, uma imersão em si próprio e no meio.

Ribeiro (2009) sustenta, ainda, que “meditar é incluir o mundo no próprio processo de aprofundamento interior, e quando se chega a níveis profundos de interioridade desaparece a relação Eu-no-mundo para sou-o-mundo-em-meditação” (p.198). Nesse contexto, percebe-se que a meditação traz a conscientização do presente imediato, dando total primazia à experiência e à tomada de consciência e se torna uma configuração perfeita, numa Gestalt plena e em uma totalidade organizada.

Tanto a Gestalt-terapia quanto o Zen budismo acreditam no potencial do ser humano e no seu desenvolvimento e ambos entendimentos trazem fortemente a ideia sobre a liberdade, a responsabilidade, o poder sobre si mesmo e a capacidade de expandir a consciência, que é a busca pela transcendência, no sentido de ir mais além de si mesmo (VERAS, 2013). Então, podemos perceber que a antropologia de Perls concebe o homem enquanto transcendência, uma vez que o ser humano é visto como um ser aberto para dentro, para fora e para além de si mesmo (CARDELLA, 2015).

3 O CONTATO COM A TRANSCENDÊNCIA, A ESPIRITUALIDADE, A RELIGIOSIDADE E A RELIGIÃO

Somos seres relacionais e estamos, essencialmente, sempre envolvidos em algum tipo de relação e, para Moraes (2014), isso é uma característica constitutiva do ser humano. A pessoa e o mundo estão interligados, estabelecendo relações, e a autora pontua que “nenhum organismo é autossuficiente e busca no meio a satisfação de suas necessidades” (MORAES, 2014, p. 31). O sujeito e o objeto estão em uma relação de interdependência, eles nunca são independentes.

Segundo Ribeiro (2009), Mundo/Pessoa se constituem em um grande campo unificado e tal relação não pode ser pensada isoladamente. Essa ideia parte da visão holística do mundo, pois o autor considera que as partes de um todo estão em íntima interconexão e que elas não existem e não podem ser compreendidas independentes e sem uma referência do todo. Nesse sentido, pode-se entender que somos todos do mundo, assim como as árvores, os mares, as estrelas, somos seres do mundo e pertencemos a ele. No entanto, o que diferencia o homem dos demais seres é a forma como ele se encontra com uma realidade cósmica mais ampla à qual ele próprio pertence.

As funções vitais do ser humano, sejam elas motoras, afetivas ou mentais, necessitam de objetos e do ambiente para se completarem. O lugar onde se dá essa interação, que é física e social, é chamado de campo organismo/ambiente. Na superfície-fronteira do campo organismo/ambiente acontece o contato (MORAES; D'ACRI, 2014). Este se refere às interações entre organismo/ambiente, pessoa/mundo, as quais acontecem na fronteira de contato. Ela delimita o sujeito do meio, e é ali que acontece a diferenciação do “eu” e o “não eu”. (PERLS et al. 1997).

A partir dessa ideia, Perls (apud Ginger & Ginger, 1995), complementa:

“O estudo da maneira como uma pessoa funciona em seu meio é o estudo do que acontece na fronteira de contato entre o indivíduo e seu meio. É nessa fronteira de contato que os eventos psicológicos têm lugar. Nossos pensamentos, nossas ações, nosso comportamento, nossas emoções são nosso modo de experiência e de encontro com esses eventos de fronteira”. (Perls (apud GINGER & GINGER, 1995, p. 127)

O ser humano se mantém através dos inúmeros e variados contatos com o meio, porque essencialmente um organismo vive em seu ambiente por meio da

manutenção de sua diferença, ou seja, por meio da assimilação do ambiente à sua diferença. Perls, Herfferline e Goodman (1997) sustentam que:

“[...] é na fronteira que os perigos são rejeitados, os obstáculos superados e o assimilável é selecionado e apropriado. Bem, o que é selecionado e assimilável é sempre o novo; o organismo persiste pela assimilação do novo, pela mudança e crescimento. Por exemplo, o alimento, como Aristóteles costuma dizer, é o ‘dessemelhante’ que pode se tornar ‘semelhante’; e no processo de assimilação o organismo é sucessivamente modificado.” (PERLS, HERFFERLINE E GOODMAN, 1997, p. 44)

Nesse sentido, o indivíduo/organismo pode estar aberto ou se fechar ao contato, ou seja, ao estar em contato, a fronteira estará aberta ou permeável para acessar o ambiente e, nesse momento, haverá trocas entre ambos. Quando fechada, tem-se impermeabilidade suficiente para bloquear o contato, não havendo a assimilação do meio (MORAES; D’ACRI, 2014). De acordo com Ribeiro (2009), o encontro na relação Mundo/Pessoa proporciona a possibilidade do contato, no entanto, dentro de um encontro pode não ter um verdadeiro contato (RIBEIRO, 2009).

Contudo, é por meio do contato pleno que duas realidades diferentes mergulham uma na outra, e é a partir deste movimento que elas se encontram verdadeiramente. O contato pleno com o diferente/outro se faz quando acontece o mergulho na essência do objeto/outro, quando o contato passa da coisa-em-si para o em-si-da-coisa, ou seja, quando transcendemos a aparência do que está sendo observado. Ribeiro (2009, p. 64) complementa afirmando que “fazemos contato pleno e transformador quando encontramos a alma do outro, quando somos dois em uma só alma à procura da compreensão e da experiência de uma realidade única que nos cerca”.

Entende-se, portanto, esse tipo de encontro como a base da transcendência e da espiritualidade, ou seja, entrar em contato com a realidade e estar aberto ao encontro a fim de descobrir o que pode ser apresentado. Desse modo, transcender é deixar que o fenômeno do qual estamos indo em encontro se revele a nós com todas as suas possibilidades. A partir desse encontro, surge um significado e ele é o resultado do encontro das diferenças, no qual o observador é conduzido a um encontro com uma totalidade constituída de sentido. Nesse sentido, segundo Ribeiro (2009), por este meio, ressignificamos a realidade que está sendo exposta a nós, pois a cada encontro com as novas possibilidades e significados, novos sentidos são criados.

Conforme Ribeiro (2009), “transcender” vem do latim *transcendo, transcendere*, que significa transgredir, transpor, entrar em casa. O autor argumenta, ainda, que experimentar alguma coisa é se encontrar com a realidade do outro, e vivenciar é estar emocionalmente em contato, e complementa afirmando que

“Perceber a beleza, o cuidado, a admiração, o encantamento do outro ou pelo outro são sensações internas que demonstram o nível da vivência sentida e também são qualidades que facilitam o processo da transcendência, que desemboca na Espiritualidade” (RIBEIRO, 2009, p.65)

Assim, podemos compreender que a transcendência se dá a partir do contato pleno com o outro, ou seja, com o mundo. Nessa perspectiva, o contato é um mergulho na busca do sentido de si mesmo e na busca do sentido do outro, visto que a noção de individualidade do sujeito é constituída na realidade física através da experiência do contato sujeito/mundo, sujeito/objeto, que se dá no tempo e no espaço. Portanto, contato, transcendência e espiritualidade são os condutores da pessoa humana ao verdadeiro sentido de si mesma e à compreensão do todo.

Partindo dessa ideia, espiritualidade caracteriza “toda vivência que pode produzir mudança profunda no interior do homem e que o leva à integração pessoal e à integração com outros homens” (GIOVANETTI, 2005, p. 137). Logo, a espiritualidade tem a ver com a experiência, especialmente aquela de captar a profundidade das coisas. Nesse sentido, quando estamos em contato pleno, estamos na experiência da profundidade e ela se revela na busca de valores profundos que governam o ser humano, num encontro profundo consigo mesmo e com o mundo. Nesse sentido, Cardella (2020) afirma que espiritualidade é uma necessidade psicológica característica do homem a qual consiste na busca pessoal de sentido para o existir e o agir. Coerente com essa perspectiva, Giovanetti (2005, p. 138) afirma: “desenvolver a espiritualidade é construir a sua vida na busca destes valores”.

Desse modo, a espiritualidade é uma dimensão do ser humano e ela pertence a todo homem, porém, nem sempre ela é cultivada ou mesmo reconhecida. Ao falar da importância da dimensão espiritual, não se deve esquecer as dimensões corporal e psicológica, pois, conforme Giovanetti (2005), a espiritualidade só se constrói a partir de uma dimensão psicológica sadia, pois, se a parte espiritual não for integrada, a pessoa não integra com a sua totalidade. Dessa forma, Cavalcanti (apud VAZ, 2006) propõe

[...]reconhece a dimensão espiritual presente em cada um como possibilidade de o homem ser capaz de se autoconhecer, pois sem a inclusão do espiritual, o autoconhecimento é ilusório” (Cavalcanti (apud VAZ, 2006), p.9).

Müller (2004) concebe a dimensão espiritual como uma realidade superior, mais elevada e mais ampla que o ser, pois envolve a pessoa a todo momento por meio da influência, do toque, ao mesmo tempo que se encontra fora dela. É uma dimensão além da soma total da realidade individual e do mundo visível e físico, pois a existência humana é atravessada pelo espiritual. A autora reafirma a ideia de que nenhuma existência é isolada, e que o ser humano faz parte de uma totalidade maior na qual ele está constantemente conectado aos outros seres.

Para Ribeiro (2011), o homem se constitui em quatro dimensões básicas: biológica, psicológica, sociológica e espiritual. E, ao longo da vida, ao desenvolver as duas primeiras de forma saudável, ele tem a possibilidade de alcançar a dimensão espiritual. A pessoa que tem os três campos desenvolvidos de forma integrada e harmônica, estará aberta para vivenciar a quarta dimensão: a espiritual. Os funcionamentos saudáveis e não-saudáveis estão relacionados com o processo de contato e com suas interrupções entre o organismo e o meio. E, conforme Cardoso (2019), uma interação saudável envolve qualidade e fluidez no contato do indivíduo com o meio, ou seja, o acesso à espiritualidade está diretamente relacionado ao contato pleno com o mundo e consigo mesmo.

Todavia, para compreender o termo “espiritualidade”, é importante distingui-lo de religião e de religiosidade, pois esta é o movimento de construção do sentido a partir de uma concepção do Divino, se dá através de uma experiência individualizada de relação com um Ser transcendente. Cardella (2020, p. 88) informa que “é um dos elementos organizadores e estruturantes do psiquismo e pode se transformar em horizonte de vida ao longo do processo de crescimento”. Dessa maneira, não pressupõe escolhas, crenças, decisões ou valores, pois ela compõe a singularidade da pessoa e é estruturada a partir da relação com aquilo que o indivíduo elaborou como Sagrado ou Divino através de suas experiências e encontros ao longo da vida.

As concepções do Divino que se apresentam no psiquismo são acontecimentos que organizam a religiosidade do indivíduo e estão no campo das representações. Ao se referir às experiências do sagrado, abre-se caminho para o não-representacional,

a esfera do que não pode ser representado por palavras, símbolos ou imagens. O sagrado dá-se como experiência e é atravessado pela subjetividade, promovendo transformação profunda na pessoa. Cardella (2020, p. 91) esclarece que “embora busquemos significações (sempre precárias) para os encontros com o Sagrado, tais experiências se configuram como indizíveis, pois rompem a racionalidade”. Emily Dickinson (apud Cardella, 2020, p.88) demonstra a religiosidade através de seu poema:

“Alguns guardam o Domingo indo à Igreja
 Eu o guardo ficando em casa
 Tendo um Sabiá como cantor
 E um Pomar por Santuário.
 Alguns guardam o Domingo em vestes brancas
 Mas eu só uso minhas Asas
 E ao invés do repicar dos sinos na Igreja
 Nosso pássaro canta na palmeira.
 É Deus que está pregando, pregador admirável
 E o seu sermão é sempre curto.
 Assim, ao invés de chegar ao Céu, só no final
 Eu o encontro o tempo todo no quintal.”
 (Emily Dickinson (apud CARDELLA, 2020, p.88)

Conforme Pinto (2009), a religiosidade é uma das formas da espiritualidade se manifestar, porém, não a única, pois há pessoas de intensa religiosidade e pouca espiritualidade, assim como há pessoas de nenhuma religiosidade, como um agnóstico ou um ateu, com intensa manifestação da espiritualidade. Nesse sentido, é possível que alguém viva uma espiritualidade arreligiosa e, dessa forma, as duas podem se encontrar, porém não são a mesma coisa. Com essa mesma ideia Pinto, (2009) informa que

“Quando se dá o encontro entre a espiritualidade e a religiosidade, o ser humano se vê diante de indagação sobre o sentido último da existência. A espiritualidade, por si só, busca o sentido para a existência na existência, não necessariamente o sentido último, preocupação maior da religiosidade. Se a espiritualidade me faz buscar o sentido para a minha vida, no encontro com a religiosidade esta busca abarca também o além da vida, o último” (PINTO, 2009, p.74).

Nesse sentido, Giovanetti (2005) afirma que, tanto a religiosidade como a espiritualidade buscam a afirmação do sentido. Entretanto, a maneira através da qual este é construído é o que as distanciam. Assim, enquanto na espiritualidade a construção de sentido se dá por meio da reflexão, sem a ligação com um ser superior, na religiosidade a construção de sentido parte de uma concepção do Divino.

Segundo Pinto (2009), religião, diferente da espiritualidade e da religiosidade, é considerada uma parte acessória da constituição do ser humano, considerando que a espiritualidade não tem necessariamente relação com a religião, uma vez que esta é considerada um sistema de orientação e um objeto de devoção. No entanto, o que se percebe é que na religião estão presentes sentimentos, atos e experiências humanas em relação ao que se considera sagrado, os quais costumam evocar sentimentos de reverência e de admiração. Cardella (2015) afirma que é comum nesses sistemas a presença de mitos, ritos, símbolos da cultura e da congregação social das pessoas, assim como normas morais sobre como lidar com a vida, com o mundo e com as pessoas, como se percebe no hinduísmo, o taoísmo o xintoísmo e o zoroastrismo, que são consideradas importantes religiões.

Cardella (2020) afirma que o termo religião se refere a um sistema de compreensão sobre o Divino compartilhadas, transmitidas e institucionalizadas e elas, em geral, são organizadas a partir de um místico, no qual as experiências são organizadas e transmitidas a cada geração. Dessa maneira, as tradições religiosas revelam diferentes facetas do Divino, porém, percebe-se através do fenômeno do fundamentalismo religioso que a religião pode ocultar o sagrado e surgir na vida da pessoa como um preenchimento da abertura do homem, o que resulta em um impedimento à transcendência.

3.1 Referências espirituais na atualidade

Segundo Vaz (2006), o mundo passou por um processo de dessacralização devido às transformações sofridas na relação do homem com o ambiente, no qual a necessidade de olhar profundamente as relações inter-humanas tornou-se periférica. Dessa forma, com o desenvolvimento da modernidade, o homem passou a ser a referência central e única dos seus atos e ações e não mais havia necessidade de buscar uma referência externa, pois o homem se tornou a sua própria referência. Coerente com essa perspectiva, Cardella (2015) defende que um dos fenômenos observados no mundo contemporâneo têm sido a dessacralização da vida e da condição humana. A autora afirma que isso aparece de diversas formas no cotidiano por meio de diversos descuidos, como na devastação da natureza, na banalização da

sexualidade, na coisificação do corpo, no consumismo, na superficialidade das relações, dentre outras.

Assim, o mundo contemporâneo é marcado pela predominância do individualismo, na prevalência do egocentrismo, contradizendo a empatia e com as relações. Assim, percebe-se a exaltação no “ter” sobre o “ser” gerado pelo consumismo e, junto a isso, uma busca incessante pelo prazer (hedonismo). Conforme informa Cardoso (2019), a hiperconectividade e as relações em rede também são características marcantes desse mundo, o que tem revelado uma tendência das pessoas em investir cada vez menos em relações duradouras, devido à facilidade de se conectar e de se desconectar com pessoas pelo mundo afora, principalmente pelas redes sociais.

Nesse sentido, Vaz (2006) afirma que pessoas que se relacionam com a prevalência do egocentrismo acabam se vinculando ao outro com o intuito de usá-lo. E, nesse sentido, o sujeito que se conecta à relação dessa maneira, perde a presença do outro em sua vida e não vive o verdadeiro contato. Desse modo, a pessoa se distancia cada vez mais da experiência do encontro e de vivenciar essa condição humana. Cardoso (2019) pontua que essas profundas mudanças nos modos de se relacionar com o outro e com o mundo causam profundas crises e sofrimentos de diversas naturezas, como falta de sentido da vida, vazio existencial e solidão. E, nessa mesma concepção, Cardella (2020) afirma

“Do modo como o mundo contemporâneo encontra-se organizado, caminhamos infelizmente a passos largos, para o homem sem alteridade e carente de transcendência. É o homem desenraizado da condição humana: padronizado, robotizado, ensimesmado, mundanizado, materializado, coisificado e dessacralizado. ‘Cadáveres vivos’ e ‘robôs de plástico’ como já aponta Perls na década de 60” (CARDELLA, 2020, p.85).

As pessoas encontram-se fechadas em si mesmas, não percebem o outro, vão na contramão da empatia e do coletivo e, assim, Ribeiro (2009) complementa dizendo que

“sem um real encontro não existe contato, mas, mais que encontrar o outro ou com o outro, o contato é, essencialmente, encontro comigo mesmo. Eu sou objeto primeiro do meu encontrar, pois, se não me encontro primeiro, dificilmente encontrarei o outro” (RIBEIRO, 2009, p.64).

Desse modo, essas mudanças têm feito as pessoas se afastarem cada vez mais da espiritualidade, se perdendo de si mesmas e do sentido maior de suas vidas, que se reduzem à busca pelo status e o prazer imediato.

Ainda no que tange à contemporaneidade, Cardella (2020) afirma que estamos vivendo uma época caracterizada pelo furto do mistério, de redução do homem à condição de coisa, resultante dos excessos de nomeação, de conceituação e pela tecnologização da vida humana. Nesse entendimento, pode-se inferir que o mistério que constitui o homem refere-se ao que escapa ao domínio do conhecimento racional e, dessa forma, pondo em questão a racionalidade. Segundo a autora, esta parte do ser humano tem sido “esquecida” pela psicologia e pela ciência, se configurando como “Grande Outro”, em que são discutidos estudos que revelam facetas da condição humana complexas e inapreensíveis. A autora afirma, ainda, que “o Mistério é uma das dimensões do Sagrado que se revela no cotidiano” (CARDELLA, 2020, p. 79).

Oliveira/Junges (2012) realizaram uma pesquisa cujo objetivo foi descrever como os psicólogos percebem em suas práticas a relação entre espiritualidade, religiosidade e saúde mental. Dentre os resultados da pesquisa, constatou-se que a experiência do vazio existencial e da solidão estão relacionados com a busca por um sentido de viver, e, atualmente, isso tem se expressado através de uma procura por respostas às questões existenciais do ser humano, levando a alguns questionamentos como: “de onde eu venho?”, “porque estou aqui?” e “qual a razão da minha existência?”.

Esses autores complementam dizendo que a queda das instituições, como as religiões, que antes davam conta de responder a essas questões existenciais, nos dias atuais, já não exercem esse papel e essa queda foi apontada como um fator que contribuiu para o sentimento de vazio e de desamparo do sujeito.

Deste modo, Giovanetti (1998) afirma que a pós-modernidade, o momento em que estamos vivendo, é caracterizada pela ideia de que a religião e a espiritualidade não têm lugar na vida do homem. O autor acentua que a perda de referências espirituais tem gerado uma crise profunda no homem, pois a falta dessas referências traz consigo a perda de sentido, visto que a igreja sempre ocupou o lugar de guardião do sentido da civilização. Nesse sentido, a religião deixou de desempenhar o papel social organizador que teve no passado e, com essas mudanças, o poder espiritual diminuiu sensivelmente nos últimos séculos. Nesse sentido, pode-se perceber que a

civilização ocidental, por meio do processo de secularização, vivenciou a laicização do mundo e a “morte de Deus”, uma expressão que se refere à dessacralização do homem.

Viktor Frankl (1989), apud Oliveira/Junges (2012), criador de um método terapêutico baseado na busca pelo sentido da vida, propõe que todos os seres humanos sentem o desejo e a necessidade por um sentido. Ele afirma que esse desejo é um “valor de sobrevivência” e, coerentes com esta perspectiva, Mahfoud e Coelho (2001), ao discorrerem sobre as dimensões espiritual e religiosa da experiência humana e a sua interrelação com a obra de Viktor Frankl, sustentaram que a experiência espiritual e religiosa está presente na caminhada de uma vida plena de sentido, e complementaram dizendo que este é o momento que o homem explora a força de sua dimensão espiritual.

Oliveira/Junges (2012) ao discorrerem sobre interrelação entre saúde mental e espiritualidade, apontam que a espiritualidade e a religiosidade oferecem recursos para enfrentar situações da vida, mantendo um bom nível de saúde. A pesquisa realizada por esses autores mostrou que essa dimensão se torna mais consciente e presente na vida do sujeito quando ele se abre e se deixa afetar pelos encontros e experiências que a vida oferece. Nesse sentido, pode-se concluir que a relação entre religiosidade, a espiritualidade e saúde, passa a ser um campo de estudo um tanto curioso, porém, ao mesmo tempo, desafiador e controverso.

4 RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE NA CLÍNICA

Abordar a espiritualidade e a religiosidade nos meios acadêmicos é um grande desafio, pois a formação em Psicologia, principalmente no Brasil, pouco privilegia esta temática. E, como resultado desta não valorização, vemos um posicionamento rígido e sem reflexão crítica sobre o assunto (NASCIMENTO, 2015). Debater o que se pode entender por 'espiritualidade', 'religiosidade' e 'religião' gera uma certa confusão entre os psicólogos, devido ao pouco espaço que as faculdades de Psicologia dedicam ao tema da religião e à psicologia da Religião, o que não ocorre nas Universidades da Europa e dos EUA (PINTO, 2009).

Ancona-Lopez (2005) atesta que usualmente os psicólogos conhecem vagamente as posições da psicologia sobre o assunto, sendo, normalmente, excluídas as discussões sobre o tema e as experiências, que, muitas vezes, são reduzidas por algumas abordagens como psicopatológicas. Há uma dificuldade entre os psicólogos em expressar as vivências espirituais em linguagem psicológica e nas tentativas de "tradução", percebe-se um distanciamento entre os sentimentos e as crenças com as teorias. A autora afirma que, hoje, no Brasil esses profissionais encontram poucas possibilidades de inserir as suas próprias experiências espirituais e religiosas em um universo acadêmico e profissional que as aceite, integre e compartilhe.

Em contrapartida, quando proporcionado um ambiente favorável e acolhedor, os clientes, descrevem suas íntimas experiências religiosas em linguagem comum, ricas de detalhes e cheias de afetividades. São relatos de suas próprias histórias pessoais nas quais podem se encontrar crenças, simbologias, valores, concepções sobre o ser humano e sentidos de vida. Essas experiências são fontes de reflexão integrantes da própria história, cultura e subjetividade do sujeito, sendo assim, fazem parte do ser humano (ANCONA-LOPEZ, 2005).

Dessa forma, Giovanetti (1999) afirma que entender o que é o psicológico na vivência de uma religião permite uma melhor compreensão sobre a existência do cliente, e, conseqüentemente, abre portas para ajudá-lo a integrar melhor os diversos aspectos de sua vida, visto que:

"A experiência religiosa, no momento em que surge da interrogação mais profunda do ser humano, está presente em todo homem, independentemente de esse homem estar ligado a algum credo ou não. Ela é constitutiva do ser humano, embora possa não ser vivenciada devido ao tipo de vida que a

“pessoa leva, isto é, uma vida mais articulada na superficialidade, sem se interiorizar sobre as expressões do sentido existencial da existência” (GIOVANETTI, 1999, p.95).

O autor continua afirmando que essa dimensão é essencialmente importante para a realização do homem e que, enquanto psicólogos, esta merece uma especial atenção. Ancona-Lopez (1999) complementa dizendo que a religião está invariavelmente incluída em todo atendimento clínico, mesmo que implicitamente, e não olhar para o seu surgimento é deixar escapar uma parte relevante na história e na formação do cliente. Desse modo, a autora sustenta que, quando o cliente traz esses temas para a clínica, é importante identificar os componentes significativos presentes na configuração religiosa do sujeito: as representações de Deus, as crenças que funcionam como apoio de organização interna, os princípios que orientam atitudes e comportamentos ante os conflitos da vida.

Alguns psicólogos contrapõem à ideia de um envolvimento da espiritualidade e da religiosidade na clínica, no entanto, ao se posicionarem dessa forma, não estão entendendo o sujeito que busca o auxílio profissional para aliviar o seu sofrimento de maneira total. Conforme aponta Giovanetti, (1999), ao falar das suas questões, o cliente pode trazer também a sua crença em um Ser superior, sendo importante que o psicólogo compreenda que, ao se deparar com essa outra dimensão, o homem se faz plenamente como um ser total, e, devido a isso, traz elementos psicológicos ao viver a dimensão religiosa e, nessa perspectiva, Safra (2005) afirma que:

“Do ponto de vista do manejo clínico, é fundamental o trabalho que auxilie o paciente a pôr em jogo seu gesto em direção ao porvir; em outras palavras, é terapêutico o trabalho que sustente a espiritualidade emergente do paciente, seja ele ateu, seja crente” (SAFRA, 2005, p.211).

Nesse sentido, Valle (2005) aponta que o psicoterapeuta que sai do papel de juiz da validade objetiva das vivências e crenças pessoais dos seus clientes, leva a sério a transcendência enquanto dimensão humana. E, para o autor, o ser humano não pode ser compreendido através de categorias redutivas, sejam religiosas ou psicológicas, mas, sim, através da sua totalidade e complexidade.

4.1 A espiritualidade e o processo psicoterapêutico

Welwood (apud CARDELLA, 2015), um estudioso da psicologia e da espiritualidade, afirma que o trabalho psicológico pode conduzir a pessoa a compreensões espirituais, assim como o trabalho espiritual pode levar a pessoa a ter consciência de padrões comportamentais e de sofrimento. No entanto, o autor afirma ser importante um relacionamento entre elas em uma perspectiva antropológica que tenha consciência da totalidade do homem.

Cardella (2020) afirma que os trabalhos na clínica psicológica e espirituais se encontram na ideia de remover barreiras que fecham, preenchem e interrompem os movimentos de abertura do ser, e Ribeiro (2009) complementa dizendo que:

“O processo terapêutico e o da busca da Espiritualidade visam a mesma compreensão, a mesma procura, têm a mesma finalidade: conduzir a Pessoa Humana a uma relação Eu-Tu consigo mesma, em que desapareçam os adjetivos coisificantes e emerja a beleza da contemplação de ser Pessoa”. (RIBEIRO, 2009, p.183)

Martin Buber (apud CARDELLA, 2020), em sua Abordagem Dialógica, pontua duas atitudes básicas do homem na existência: a atitude Eu-Tu e a atitude Eu-Isso e esta última se configura em uma relação pautada no monólogo e na objetificação do outro, sendo o homem considerado um meio, e não um fim em si mesmo. Por sua vez, a atitude Eu-Tu refere-se à dimensão dialógica, fundamentando o mundo das relações, ou seja, do entre, e essa relação contempla a alteridade e transcende a individualidade. Nesse sentido, Cardella (2020) afirma que

“Para Buber (s/d), transcender a atitude Eu-Isso é o que possibilita o diálogo, é o que nos permite adentrar a esfera do entre, à dimensão da transcendência, inclusive a abertura ao Tu-Eterno (o totalmente outro). Na visão de Buber, a disponibilidade para o Encontro Eu-Tu, torna o ser humano capaz de reverenciar a existência, portanto de integrar o Sagrado...” (CARDELLA, 2020, p.77)

Assim, vivenciar o sagrado possibilita uma transformação profunda no ser, a qual o leva a uma integração consigo mesmo e com o mundo. Esta vivência traz o sentido à vida, plenifica as potencialidades humanas e se constitui por uma tendência natural do ser pela sua totalidade: é a eterna busca do humano pelo seu sentido e significado pessoal. Portanto, para haver um encontro com o sagrado, é necessário

que haja um encontro consigo mesmo, com o seu íntimo, com o mundo, e só assim se é capaz de vivenciá-lo. Ao se relacionar verdadeiramente com o outro através de um diálogo profundo, a pessoa pode ampliar a sua existência e tornar-se inteira, pois o entre, advindo do encontro, possibilita o autoconhecimento.

Ribeiro (2009) aponta que as patologias residem na atomização do todo, na fixação nas partes e na perda do sentido da totalidade que constitui o homem, ou seja, na ruptura com a totalidade. A Gestalt-Terapia, por outro lado, busca recriar o sentido perdido das coisas, resultante da falta de contato com o sentido original. O autor pontua, portanto, que a espiritualidade mora na compreensão da totalidade de todas as coisas, e quanto maior é a compreensão da totalidade de algo, mais se penetra no mundo da espiritualidade. Ribeiro (2009) prossegue afirmando que

“O processo terapêutico é, em última análise, um processo de ampliação de consciência, de busca do verdadeiro sentido das coisas, de reencontro com as partes perdidas de nossa existência, de um cara a cara com nossas possibilidades e, conseqüentemente, com nossos medos. É um processo de recolher partes que se despregam de um Todo maior e a tentativa de reconstruí-lo, numa procura de um novo encantamento por si mesmo que só virá por meio de um encontro com uma liberdade perdida. Essa é uma experiência de Espiritualidade, enquanto implica a reconstituição de um novo todo, de uma nova totalidade, limpa e produtora de significados novos e atraentes” (RIBEIRO, 2009, p.183).

Assim, na Gestalt-Terapia, busca-se restaurar ou abrir caminhos para que o diálogo aconteça, permitindo a abertura de uma relação onde a singularidade é valorizada e se torna o campo onde a cura pode acontecer. Esta é concebida como a restauração da abertura, do fluxo, do diálogo, da criatividade, dos laços que nos unem/diferenciam do outro e do processo de crescimento. Portanto, Cardella (2015) informa que a relação terapêutica pode ser a experiência matriz da abertura para o transcendente.

Na clínica gestáltica, a relação terapêutica é considerada central no processo, pois é a partir deste encontro que o paciente alcança abertura e sustentação na instabilidade e na precariedade da condição humana, e a partir disso, “restaure ou inaugure a condição de peregrino e caminhante, engajado na incessante obra de ser si mesmo, cocriando o mundo e o próprio destino” (CARDELLA, 2015, p. 57) .

Na relação terapêutica, é possível encontrar atenção, hospitalidade, ternura, reconhecimento, valorização, aceitação, confirmação, e, diante disso, a pessoa que sofre encontra um lugar onde possa viver a experiência da confiança. Assim, poderá

reconhecer, expressar e aceitar a dor, o que permitirá adentrar em um processo de reconciliação com os seus aspectos alienados e feridos, processo de resgate e abertura para fora, para dentro e para além de si mesmo. Como efeito, o indivíduo tem a possibilidade de presentificar a dor, de tornar-se *aware* dos seus recursos e de libertar-se das defesas cristalizadas e disfuncionais. Viver a dor permite que a pessoa crie recursos que possam auxiliá-la a sustentar e/ou atravessar o sofrimento e a enfrentar a vida sem se fechar, se isolar ou se misturar com o mundo, restaurando, assim, os movimentos de união e de diferenciação, ou seja, vivenciando suas experiências de forma consciente (CARDELLA, 2020).

Quando o indivíduo é capaz de aceitar a experiência como ela é, a dor se torna passageira, e acontece o movimento de apropriação das sabedorias advindas da experiência, resultando na restauração da abertura e da esperança e, nesse sentido, Cardella (2020) complementa dizendo

“Observo na clínica que aceitar a própria vulnerabilidade, embora seja experiência de desmoronamento dos apoios, é movimento de ampliação de consciência e da lucidez acerca da finitude, da precariedade e da incompletude; possibilita o paciente resgatar a condição de peregrino, alcançar o repouso diante da impermanência e da instabilidade inerente à vida, e experimentar compaixão. É preciso lembrar que restaurar a abertura é, por vezes, processo longo e árduo, que implica encontrar os vazios estéreis para gradualmente alcançar vazios férteis” (CARDELLA, 2020. p.104).

O ser humano que se fecha na sua própria verdade e toma uma atitude defensiva e desconfiada quanto ao novo por acreditar que o conhecido é mais seguro, acaba por resistir à entrada do sagrado em sua vida e torna-se um alienado. Portanto, limita a compreensão, o envolvimento e a atribuição de significado à sua existência, uma vez que o encontro com o sentido acontece pela via privilegiada da abertura da pessoa com o mundo. Renunciar estas vivências é o mesmo que renunciar a experiência de viver o eu de forma mais profunda. O acolhimento do paciente como totalidade é atitude ética fundamental e possibilidade de Encontro na relação terapêutica.

Para Cardella (2020), a compreensão das dimensões do humano é fundamental para que haja uma compreensão do ser, ou das suas formas de adoecimento, de sofrimento, dos seus recursos e de suas potencialidades. Vaz (2006) informa que

“O contato com o sagrado ilumina e mobiliza a existência, torna o indivíduo aware – processo de contato vigilante com o evento de maior importância no campo, ou seja, a integração de um problema – da realidade assustadora de que é mais parecido do que diferente dos outros indivíduos. Esse contato amplia a percepção do mundo e torna a aparente insignificância das ações individuais mais significativas; a vida, em geral, torna-se mais repleta de sentido”. (VAZ, 2006, p.11)

Portanto, a experiência do encontro e da relação faz com que o ser humano tenha sua consciência e o sentido de seu lugar no mundo ampliados. Malaguth (apud Vaz, 2006) afirma que “a dimensão espiritual está (...) no mistério do entre (...) no poder transformador do contato inter-humano” (VAZ, 2006, p.11). É através do encontro pleno com o outro ou com o mundo, ou seja, com a alteridade, que o indivíduo entra em contato com a dimensão espiritual.

Cardella (2020) sustenta que alcançamos o repouso da vida quando somos capazes de contemplar, quando estamos abertos e aceitamos a experiência, quando somos simplesmente humanos e capazes de aceitar o mistério que nos habita. Conforme Cardella (2020), “não se trata de buscar o extraordinário, mas de encontrar no corriqueiro, no simples, a presença do Mistério que se faz encantamento, maravilhamento, fascínio, assombro...” (CARDELLA, 2020, p.79). O assombro é a reverência ao cotidiano, e, na linguagem gestáltica, isso se refere ao estar presente na experiência, à plena abertura ao novo e a permanentes surpresas dadas pelo fluxo do viver. A autora complementa dizendo que a sacralidade e o encantamento do mundo são possibilidades transcendentais, criativas fundamentais no processo de crescimento e de cura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Gestalt-terapia surge em um momento revolucionário, propondo uma nova visão de mundo e de pessoa. Ela ganha espaço em meio ao movimento de contracultura, o que ajudou na ampliação das suas ideias na época. A abordagem ressalta a importância de dar ao homem as condições necessárias para o seu próprio desenvolvimento e crescimento. Suas bases filosóficas e teóricas, advindas de várias fontes, trouxe novas compreensões sobre a maneira pela qual o homem se relaciona com o mundo, indo na contramão das ideologias predominantes de sua época.

Ainda segundo a Gestalt-terapia, a relação entre mundo e pessoa se constitui em um grande campo unificado, em uma concepção holística de mundo a qual considera que as partes de um todo estão em íntima interconexão, não podendo existir nem ser compreendidas independentes e sem referência ao todo. No encontro entre pessoa e mundo acontece o contato, e nesse momento há trocas entre ambos, porém podem existir interrupções e impedimentos. No entanto, é através do contato pleno que duas realidades diferentes se encontram e surge a possibilidade de transformação, da constituição de sentidos e da compreensão da totalidade repleta de possibilidades. Este encontro é a base da transcendência; é o ser humano mergulhando na essência do outro, experienciando o além do conhecido, ou seja, transcendendo a aparência do que está sendo observado e do já vivido.

Nesse sentido, entendemos que a espiritualidade está associada à experiência de captar a profundidade das coisas e ela se manifesta através da busca de valores profundos do ser humano. Ao se adentrar nessa dimensão, o sujeito busca um sentido maior para o seu existir e o agir, conduzindo-o a um íntimo encontro consigo mesmo e com o mundo. Dessa forma, o autoconhecimento está intimamente ligado à transcendência e à espiritualidade, pois quando estamos em conexão conosco, estamos desvelando quem somos e o sentido de agirmos e pensarmos de determinada maneira e, assim, ao entrarmos nessa dimensão, estamos à procura do sentido sobre as experiências e as vivências. A expansão da consciência sobre nós mesmos nos conduz a uma melhor compreensão do mundo e dos valores profundos que governam o ser humano.

No entanto, no mundo contemporâneo percebe-se a forte presença do individualismo indo na contramão das relações e da empatia. O sujeito se desconecta

do outro em sua vida e não consegue estabelecer o verdadeiro contato, se distanciando da experiência do encontro e de si mesmo. Sofrimentos como vazio existencial, falta de sentido na vida e solidão são exemplos de como o novo modo de se relacionar tem manifestado nas pessoas. A partir disso, podemos perceber que a sociedade atual está caminhando na direção oposta à espiritualidade e à transcendência. Não existe encontro sem o verdadeiro contato consigo mesmo e com o mundo, dessa forma, essas mudanças sociais afastam as pessoas da espiritualidade, perdendo-se de si mesmas e do sentido maior das suas vidas.

A busca da espiritualidade e o processo terapêutico da Gestalt-Terapia se encontram na ideia de conduzir a pessoa humana a uma relação Eu-Tu. Essa relação possibilita o surgimento do diálogo profundo, e é através deste que a pessoa tem a possibilidade de ampliar a sua existência, expandindo a consciência sobre si e sobre o mundo, pois o entre, decorrente do encontro, promove o autoconhecimento.

Os trabalhos na clínica gestáltica têm como um de seus principais objetivos auxiliar a pessoa a se reconhecer no seu mundo próprio, ampliando suas funções de contato, bem como suas habilidades de *awareness*. As patologias estão nas fixações das partes e na perda de sentido da totalidade, ou seja, na não compreensão do todo. Os funcionamentos saudável e não saudável estão ligados ao modo como o ser humano capta o mundo que o rodeia. Quando estamos em contato pleno com o mundo/outro estamos vivendo a experiência da profundidade, e, a partir disso, conseguimos ter um encontro profundo conosco mesmo e com o outro. É considerada saudável uma interação que há qualidade e fluidez no contato, dessa maneira, o acesso à espiritualidade está relacionado com a forma como o sujeito interage com o mundo e consigo mesmo.

A terapia gestáltica é um processo de busca do verdadeiro sentido das coisas, de ampliação de consciência sobre si e sobre o mundo. Através do autoconhecimento a pessoa tem a possibilidade de um encontro profundo consigo mesma, levando-a a compreensões sobre suas atitudes, sentimentos, modos de pensar, de reagir, possibilitando assim, clareza de quem ele é. A compreensão de quem somos nos proporciona mudanças, e é através destas que alcançamos uma forma mais saudável de viver e de estar no mundo. Dessa forma, o encontro terapêutico, ponto central na terapia gestáltica, faz com que o indivíduo tenha sua consciência e seu sentido de

lugar no mundo ampliados, dessa maneira, possibilitando e facilitando o contato com a sua dimensão espiritual.

A visão de mundo e de pessoa proposta pela Gestalt-Terapia é uma chave de entendimento sobre o processo da vida e do ser humano. Ter esses conhecimentos na clínica são recursos que possibilitam um trabalho humano onde a singularidade é valorizada, restituindo a abertura, o diálogo e o processo de crescimento do sujeito. Sendo assim, a clínica gestáltica pode ser a experiência matriz da abertura ao transcendente.

A Gestalt terapia é uma abordagem que bebe de várias fontes, ela também é constituída das experiências pessoais do Fritz Perls, como as influências orientais. Devido a isso, a GT é bastante singular e traz abertura para um entendimento de mundo e de pessoa diferente das demais abordagens. Como visto durante o texto, a compreensão proposta pela GT facilita e proporciona um entendimento profundo da relação do ser humano e do mundo, o que favorece a abertura para a espiritualidade.

Dessa maneira, esse trabalho pretendeu proporcionar à comunidade científica uma contribuição acerca da aproximação entre a Gestalt-Terapia e a Espiritualidade, assim como a religião e a religiosidade, e como o processo terapêutico gestáltico pode facilitar no processo de conexão do ser humano com a sua dimensão espiritual.

A partir do tema trabalhado, pode-se pensar em futuros trabalhos que proponham uma pesquisa que levante dados sobre a visão dos psicólogos gestaltistas sobre a espiritualidade, investigando como esses fenômenos surgem na clínica, averiguando, ainda, o percentual de pacientes que levam essa temática para a clínica, e/ou após o processo terapêutico, quando começam questionamentos sobre a sua espiritualidade.

REFERÊNCIAS

- ANCONA-LOPEZ, M. A espiritualidade e os psicólogos. In: M. M. Amatuzzi (org.). **Psicologia e Espiritualidade**: (pp. 205-212). São Paulo: Paulus, 2005.
- ANCONA-LOPEZ, M. Religião e Psicologia Clínica: Quatro Atitude Básicas. In M. Massimi & M. Mahfoud (Orgs.). **Diante do mistério: psicologia e senso religioso**. (pp. 71-86) São Paulo, SP: Loyola, 1999.
- BERVIQUE, Janete de Aguirre; REIS, Dayran Karam. **Taoísmo e Zen-Budismo na Metodologia da Gestalt-Terapia**. 2013. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/2x5OzapRlguUeI7_2013-5-13-16-23-34.pdf> Acesso em: 25/09/2020.
- CANEDO, Ingrid. **Contribuições da Gestalt-terapia para o referencial teórico da Orientação Profissional**. Revista da ABOP, Porto Alegre, vol. 1, n. 01, Jun. 1997.
- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. Relação, atitude e dimensão ética do encontro terapêutico na clínica gestáltica. In L. M. Frazão & K. O. Fukumitsu (Orgs.). **A clínica, a relação terapêutica e o manejo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2015.
- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **De volta para casa**. 2. Ed. São Paulo Gráfica foca, 2020.
- Cardoso, C. L. (1999). **Aspectos filosóficos, teóricos e metodológicos da Gestalt-terapia**. Revista Psique, ano 9, nº 14, p. 47-65.
- CARDOSO, C. L. **A face existencial da Gestalt-terapia**. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013.
- CARDOSO, Cláudia Lins. **Sobre as dores de existir: uma introdução à psicopatologia em Gestalt-Terapia**. Giovanetti, José Paulo (org). **Sufrimento Humano e Cuidado Terapeutico**. Coleção Fenomenológica e Psicologia Clínica, Belo Horizonte: Artesã Editora, 2019.
- COELHO, A. G., & MAHFOUD, M. **As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl**. Psicologia USP, 2001.
- FILHO, Ananias Oliveira; GOMES, Patrícia Wallersntein. **Fenomenologia na Gestalt – Terapia: Método ou muleta?** IGT rede vol.9 no.16 Rio de Janeiro jan./jun. 2012.
- FRAZÃO, L. M., & Fukumitsu, K. O. (2013). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus.
- FRAZÃO, Lilian, M; FUKUMITSU, Karina O (Org) **Gestalt-Terapia: Conceitos fundamentais**. 1. Ed. São Paulo: Summus, 2014.

FREITAS, Julia Rezende Chaves Bittencourt - **A relação terapeuta-cliente na abordagem gestáltica**. Revista IGT na Rede, v. 13, nº 24, 2016. p. 85 – 104, 2016.

GINGER, Serge; GINGER, Anne. **Gestalt: Uma Terapia do Contato**. 5.ed. São Paulo: Summus, 1995.

GIOVANETTI, J. P. **O impacto das ideias humanistas, fenomenológicas e existencialistas na psicoterapia**. 1994. Disponível no site: <https://www.galaxcms.com.br/imgs_redactor/1176/files/02%20Existencialismo%20h%20umanismo%20e%20fenomenologia.pdf> Acesso em: 25/09/2020

GIOVANETTI, J. P. **Pós-Modernidade e Experiência Religiosa**. In: VII Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Cultural, 1998, Gramado. VII Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Cultural, 1998.

GIOVANETTI, J. P. **O sagrado e a experiência religiosa na psicoterapia**. In M. Massimi & M. Mahfoud (Orgs.). Diante do mistério: psicologia e senso religioso. São Paulo, SP: Loyola. 1999

GIOVANETTI, J. P. **Psicologia existencial e espiritualidade**. In: M. M. AmatuZZi (org.). Psicologia e Espiritualidade: (pp. 129-145). São Paulo: Paulus, 2005.

MENDONÇA, Marisete Malaguth. **A psicologia humanista e a abordagem gestáltica**. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (Org.). Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. São Paulo: Summus, 2013. p. 76-98.

MORAES, Gladys; D'ACRI, Rêgo. **Contato: funções, fases e ciclo de contato. Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. 1. Ed. São Paulo: Summus, 2014. P. 31-46.

MÜLLER, Wunibald. **Deixar-se tocar pelo sagrado**. Tradução Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2004.

NASCIMENTO, Lázaro Castro Silva. **Perspectiva Gestáltica sobre Espiritualidade/Religiosidade**. Universidade Federal do Paraná, 2015

OLIVEIRA, Márcia Regina de; JUNGES, José Roque. **Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos**. Estud. Psicol., ano 3, vol. 17. Natal Sept./Dec. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2012000300016&lang=en> Acesso em: 25/09/2020.

PERLS, Frederick; HERFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-Terapia. Tradução de Fernando Rosa Ribeiro**. São Paulo: Summus, 1997.

PINTO, Ênio Brito. **Espiritualidade e Religiosidade: Articulações**. Revista estudos da Religião, 2009.

POLSTER, Erving; POLSTER, Miriam. **Gestalt-terapia Integrada**. Tradução de Sonia Augusto. 1. Ed. São Paulo: Summus, 2001.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Holismo, Ecologia e Espiritualidade**. São Paulo. Summus 2009.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O conceito de mundo e pessoa**. São Paulo. Summus, 2011

SAFRA, G. . **Espiritualidade e religiosidade na clínica contemporânea**. In: M. M. Amatuzzi (org.). *Psicologia e Espiritualidade*: (pp. 205-212). São Paulo: Paulus, 2005.

VALLE, João Edênio dos Reis. **Religião e espiritualidade: um olhar psicológico**. In: M. M. Amatuzzi (org.). *Psicologia e Espiritualidade*: (pp. 205-212). São Paulo: Paulus, 2005.

VAZ, Cibele Mariano. **O sagrado e a experiência do sagrado na psicoterapia**. Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, vol. XII, núm. 2, p. 77-88, Dez, 2006.

Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/3577/Resumenes/Resumo_357735505006_5.pdf>

Acesso em: 24/09/2020.

Veras, R. P. (2013). **A influência do pensamento oriental na Gestalt-terapia**. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (org.). *Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*, p. 157-177. São Paulo: Summus.

VIANA, Iury. **Gestalt - Fundadores**. Psicologado, [S.l.]. (2009). Disponível em <<https://psicologado.com.br/abordagens/humanismo/gestalt-fundadores>> . Acesso em 24 Set 2020.

VIEIRA, L. **Reflexões acerca da esquizofrenia na abordagem gestáltica**. Revista IGT na Rede, v. 7, nº 12, 2010.